

COVID-19 NO NATAL

INVERNO SALVO PELA

VIGILÂNCIA E VACINAÇÃO

PANDEMIA Equipa do Instituto Superior Técnico que analisa evolução da doença a longo prazo revela que a situação é bem diferente da que vivíamos há um ano. Estima que Portugal possa atingir 2500 casos diários e as mortes atingirem as 20 na época das festas, mas essa probabilidade é muito baixa.

Vírus não despertará cuidados mais urgentes desde que, avisa, se mantenha a proteção e se avance rapidamente com a inoculação nos maiores de 65 anos e nos profissionais de saúde. **PÁGS. 4-5**

Área: 1431cm² / 46%

Tiragem: 15.750

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7269279

COVID NO NATAL

“Nenhum dado indica que venhamos a ter uma catástrofe como em 2020”

PANDEMIA A equipa do Instituto Superior Técnico, que faz a modelação da doença a longo prazo, estima que Portugal possa atingir no Natal os 2500 casos diários. O número de óbitos pode chegar aos 20, mas é uma probabilidade muito baixa. A situação é muito diferente da de há um ano. Se mantivermos a vigilância e vacinarmos rapidamente os maiores de 65 anos e os profissionais de saúde, “teremos um inverno tranquilo”.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

Em Portugal, o número de infeções por covid-19 mantém uma tendência de subida desde o final de setembro, tendo-se registado ontem 1182 casos e oito óbitos. Para o matemático Henrique Oliveira, da equipa do Instituto Superior Técnico (IST) que desde o início da pandemia faz a modelação do avanço da doença a longo prazo, e de acordo com a sua gravidade, a situação é normal, deriva da abertura da sociedade a todas as atividades económicas e significa até que a doença se está a tornar endémica, embora continue “a ser uma doença grave”. Isto porque o que a realidade nos está a mostrar é que o número de casos está a subir mas o número de óbitos não. Ou seja, argumentou ao DN o professor do IST, “não podemos olhar para uma matriz de risco que avalia só a incidência e a transmissibilidade, através do $R(t)$, temos de incorporar a realidade nestes indicadores”, querendo dizer que o vetor gravidade da doença, que se mede pelo número de óbitos e internamentos em enfermarias e em unidades de cuidados intensivos (UCI), tem de ser tido em conta. E, neste momento, o que este vetor gravidade nos indica é que, apesar de o número de casos estar a subir, a média de óbitos diários está a descer desde setembro”. Por exemplo, “há dois meses, tínhamos 12 mortos por dia. Hoje, temos seis. Isto é muito significativo e importante”, sublinhou o matemático.



Henrique Oliveira
Professor do Departamento de Matemática do Instituto Superior Técnico

De acordo com as estimativas feitas pela equipa do IST, Portugal poderá atingir à altura do Natal os 2500 casos, mas até essa altura “podemos afirmar de forma muito segura que o número de óbitos diários não ultrapassará os 20. A probabilidade de tal acontecer é muito, muito baixa”. A média diária, e numa avaliação a sete dias, “rondará os 12 a 13 óbitos”, disse Henrique Oliveira, sublinhando que “é uma média significativa, porque o número de mortes diárias por outras doenças respiratórias nesta altura do ano é de 40, em janeiro chega aos 45, e a média anual é de 33 por dia. A média de mortes por covid está agora muito abaixo desta. Não nos podemos esquecer que os riscos neste momento são muito inferiores aos do ano passado, em

2020-2021 não tínhamos vacinação, em 2021-2022 temos”.

Por isso mesmo, e por não haver qualquer dado que indique que venhamos a ter uma catástrofe como a que tivemos no final do ano passado e princípio deste, em que o país chegou a atingir os 16 mil casos de infeção diários e 303 mortes nos piores dias (a 28 e 30 de janeiro), Henrique Oliveira defende que “as pessoas não podem ficar aterrizadas cada vez que os números sobem ligeira ou até significativamente. A situação de hoje é completamente diferente da que se vivia há um ano e acho um pouco alarmista andar a falar-se já de uma

quinta ou de uma sexta vaga. Devemos preocupar-nos com a gravidade da doença e esta não está a existir”, argumentou.

A avaliação feita pelo indicador definido pela equipa do IST e pelo Gabinete de Crise da Ordem dos Médicos – que integra cinco itens: incidência, transmissibilidade, letalidade, internamentos em UCI e em enfermarias – está agora em 52 pontos, em setembro esteve a 20 pontos, mas, na opinião do matemático, “ainda estamos numa fase tranquila”, embora se deva “manter uma vigilância rigorosa”. Mas se, por alguma razão, este indicador, que avalia a

incidência da doença e a sua gravidade, disparar para os 80 pontos ou para os 90, então “diria para começarmos a tomar algumas medidas de recuo, antes de chegarmos aos 100 pontos, que é o limiar crítico, aquele a partir do qual teremos problemas complicados”. No entanto, reforça, “se o indicador continuar a flutuar como agora, só temos de ter cuidado”.

Para o professor, este cuidado implica, por exemplo, acelerar-se a vacinação dos maiores de 65 anos e dos profissionais de saúde, porque o que a realidade nos mostra é que “os casos registados são ligeiros, muitos deles reinfeções ou em pessoas já vacinadas – já que a vacinação não confere uma proteção a 100% na transmissão da doença, mas confere uma proteção muito elevada em relação à doença grave e muito grave – e que as mortes ocorridas envolvem pessoas com fragilidades muito grandes, idosos com várias patologias e um sistema imunitário muito vulnerável”. Uma situação, e como já o referiu, “muito diferente do que estava a acontecer precisamente há um ano, que era uma realidade intolerável. Estávamos a caminho da centena de mortos diários e as pessoas que estavam a morrer eram saudáveis, mesmo que idosos”.

Ao DN, o especialista referiu que o único dado mais preocupante no percurso que temos pela frente até ao Natal é se os internamentos em UCI atingirem a centena



A PANDEMIA: AGORA E HÁ UM ANO

	TERÇA-FEIRA 09/11/2021	TERÇA-FEIRA 10/11/2020
NOVOS CASOS	1182	3817
MORTES	8	62
INTERNADOS	361	2742
EM UCI	60	382
TOTAL CASOS	1099	187
TOTAL MORTES	307	237
	18 217	3021

FONTE: DN



A covid vai continuar entre nós, mas hoje a sua gravidade é controlável pela vacinação.

Reforço contra covid dado a 33 mil pessoas num dia

A Direção-Geral da Saúde (DGS) divulgou ontem que na segunda-feira, dia 8 de novembro, foram administradas 33.600 doses de reforço contra a covid-19. Recorde-se que este processo de vacinação está a ser feito em simultâneo com a toma da vacina da gripe, em relação à qual, no mesmo dia, foi administrada em 42.900 pessoas. Neste momento, há 388 mil pessoas acima dos 80 anos com o reforço da dose contra a covid e 873 mil que já receberam a vacina da gripe. São elegíveis para a vacinação da covid as pessoas com mais de 65 anos, neste momento para os maiores de 80 anos já está funcional a modalidade "casa aberta", podendo estes dirigir-se sem marcação, mas tomando nota do horário dos centros de vacinação. Nesta segunda-feira, ficou também disponível o autoagendamento para esta vacina para as pessoas com 70 ou mais anos, tendo sido registados 23.800 pedidos de agendamento online nas primeiras 24 horas.

ou um pouco mais – ontem havia 60 pessoas internadas nestas unidades, de um total de 361 internamentos. “É o único dado que pode prejudicar o funcionamento normal do SNS em termos de recursos humanos e físicos”, considerando até que “é neste sentido que a covid-19 continua a ser uma doença terrível, porque continua a hipotecar muitos recursos dos serviços de saúde”. Na sua perspetiva, a covid-19 é uma doença perigosa que vai continuar entre nós, portanto “é necessário que os governantes reconheçam que têm de manter estes recursos para dar resposta à pandemia, mas, em pa-

ralelo, têm de começar a alocar recursos para a recuperação de todas as outras doenças”.

A covid-19 vai continuar entre nós mas hoje já é mais controlável do que há um ano, já é mais controlável se se mantiverem algumas regras de proteção e se se tomarem as medidas certas na altura certa, o que, sublinhou de novo, “foi o que não aconteceu no ano passado. Daí a catástrofe”, relembrando: “No dia 7 de novembro de 2020, a equipa do IST alertou as autoridades de saúde e os políticos para o que aí vinha se não começássemos a tomar medidas mais rígidas, confinamentos e até

fechar o Natal. Na altura, ninguém nos ouviu, ninguém aceitou as nossas recomendações, e depois vimos o que aconteceu. Hoje já não temos essa realidade. A situação é gerível e ficará mais controlável se se avançar o mais rápido possível para a vacinação dos maiores de 65 anos, para que no Natal e em janeiro estejam protegidos de forma eficiente, e dos profissionais de saúde. Se isto for feito, pode dizer-se que poderemos passar um inverno muito tranquilo, porque o grande problema são as pessoas que já foram vacinadas há mais de seis meses”.

Neste momento, o indicador da

avaliação do IST é de 52, mas se disparar pode querer dizer que não só aumentou o número de casos como a gravidade da doença. E à pergunta sobre como agir numa situação destas, havendo já especialistas a defender que se deveria equacionar retardar a abertura das escolas a seguir ao Natal, Henrique Oliveira considera que se deve equacionar sempre vários cenários, porque “não sabemos se haverá uma nova variante mais resistente, mas é extremamente prematuro estarmos a falar dessas situações agora”, sustentando até que “temos de ter respeito pelo que aconteceu, mas não podemos agir com base nos traumas do passado”.

Mas se o indicador da incidência e da gravidade da doença disparar, há medidas que devem ser tomadas de imediato, mas com prudência, defendendo mesmo que a economia não deve parar novamente. “A primeira medida deveria ser o regresso ao teletrabalho, para diminuir a mobilização e a concentração de pessoas, o regresso do uso de máscara em locais em que hoje já não é obrigatório e a lotação em algumas atividades, como restauração, ginásios, etc.” No entanto, Henrique Oliveira volta a reforçar: “Neste momento, não há dado nenhum que nos indique que venhamos a ter uma catástrofe. Temos quase 88% da população vacinada e temos de acreditar na ciência e na vacinação.”

anamaf@dainacio@dn.pt

Taxa de população com vacinação completa

OS 10 MELHORES DA EUROPA

Portugal	86,4%
Islândia	81%
Espanha	80%
Dinamarca	76%
Irlanda	75,4%
Bélgica	73,9%
Itália	72,1%
Finlândia	70,9%
Holanda	68,9%
Noruega	68,7%

OS 10 PIORES DA EUROPA

Ucrânia	18,5%
Bósnia Herz.	20,9%
Bielorrússia	21,3%
Moldávia	22,1%
Bulgária	22,8%
Albânia	31,5%
Rússia	34%
Roménia	34,2%
Macedónia	37,4%
Montenegro	39,2%

Nota: Portugal lidera na Europa e é o segundo país no mundo com maior taxa de população com esquema vacinal completo. Fica apenas atrás dos Emirados Árabes Unidos (87,6%).

Doses de reforço já aplicadas

TOP 5 DA EUROPA

Reino Unido	10,3 milhões
França	3,56 milhões
Alemanha	2,73 milhões
Itália	2,28 milhões
Rússia	2,04 milhões

(Em Portugal foram dadas 388 mil doses, segundo os dados de ontem da DGS.)

Nota: De acordo com a plataforma Our World in Data, países como Portugal, Suíça, Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca, Letónia, Bielorrússia, Eslováquia, Croácia, Roménia, Estónia e Ucrânia ainda não têm dados disponíveis sobre a dose de reforço contra a covid-19.

FONTE: OUR WORLD IN DATA

FONTE: OUR WORLD IN DATA (DADOS A 1 DE NOVEMBRO)